

DURAÇÃO É CRUCIAL

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Apesar do otimismo do ministro da Fazenda, Guido Mantega, integrantes da equipe econômica acreditam que os estragos provocados pela crise financeira que atordoa o mundo fará, sim, estragos na economia brasileira. O tamanho desses estragos, no entanto, dependerá da duração da crise. "Se for curta, de, no máximo, mais 15 dias, o impacto será mínimo. Acima desse período, porém, a situação se tornará mais preocupante, principalmente se a economia dos Estados Unidos caminhar rapidamente para a recessão", destacou um dos economistas do governo.

O que mais se teme no Palácio do Planalto é uma forte aceleração nos preços do dólar, que poderia contaminar a inflação e suspender o processo de queda das taxas de juros iniciado em setembro de 2005. "O Banco Central está monitorando o mercado e os sinais que tem emitido dentro do governo é de tranquilidade. Tanto que, enquanto os principais BCs do mundo tiveram que injetar dinheiro no sistema financeiro nos últimos dois dias, o BC brasileiro comprou dólares", afirmou o mesmo economista. O governo também respira aliviado com o fato de a maior parte do capital especulativo — cerca de US\$ 30 bilhões — que entrou no país no primeiro semestre deste ano ter saído entre junho e julho, depois de o BC ter baixado uma série de restrições para os bancos operarem com dólar.

Para Caio Megale, economista-chefe da Mauá Investimentos, o BC está tão confortável que, independentemente do agravamento da crise internacional, continuará cortando os juros nas próximas três reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom). "O BC não mudará a trajetória da taxa básica (Selic). No mês que vem, os juros cairão 0,25 ponto percentual", afirmou. (Colaborou Edna Simão)